

# MULHERES COMO SUJEITO

## Discursos feministas em *Novas Cartas Portuguesas*

Sayara Saraiva Pires<sup>1</sup>  
Algemira de Macêdo Mendes<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo analisa os discursos feministas dentro da obra *Novas Cartas Portuguesas* (2014), publicada conjuntamente pelas escritoras portuguesas Maria Isabel Barreno, Maria Tereza Horta e Maria Velho da Costa, a fim de mostrar a influência da Literatura para as configurações da mulher como sujeito. Parte-se da hipótese de que as novas representações femininas se tornaram uma resistência à opressão. Essa vertente refere-se à percepção de que as transformações estruturalistas da literatura ocasionaram mudanças estéticas na representação das mulheres, bem como comportamentais e psicológicas. Propomo-nos, pois, abordar o funcionamento desses discursos como instrumento de conscientização para o empoderamento feminino. Para atingirmos os objetivos, realizamos uma pesquisa embasada em estudos teóricos de Judith Butler (2003), Simone Beauvoir (1967), Heleieth Saffioti (1997), entre outros.

**Palavras-chave:** *Novas Cartas Portuguesas*; empoderamento; sujeito; feminismo.

### ABSTRACT

This study analyzes the feminist discourses within the literary work, *Novas Cartas Portuguesas* (2014) published by the portuguese writers Maria Isabel Barreno; Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa, in order to show the influence of Literature to the woman's setting as subject. It starts from the hypothesis that the new female representations have become a resistance to oppression. This aspect refers to the perception that the structuralist transformations of the literature, which caused aesthetic changes in the representation of women, as well as behavioral and psychological. We propose, therefore, to approach the functioning of these discourses as an instrument of awareness for female empowerment. To achieve these objectives, we carried out a research based on theoretical studies by Judith Butler (2003), Simone Beauvoir (1967), Heleieth Saffioti (1997), among others.

**Keywords:** *Novas Cartas Portuguesas*. Empowerment. Subject. Feminism.

A obra *Novas Cartas Portuguesas* foi escrita, conjuntamente, por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa e publicada em 1972, inspirada em *Cartas Portuguesas*, uma obra clássica francesa do século XVII. Publicada como obra anônima (em francês) por Claude Barbin, em 1669, a obra é composta por cinco cartas supostamente escritas por uma

---

1 Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

2 Pesquisadora e professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

freira portuguesa de nome Mariana Alcoforado após esta ter sido seduzida e abandonada pelo seu amante, o cavaleiro francês, Noel Bouton (Chevalier of Chamilly), no Convento da Conceição em Beja.

As “Três Marias”, como ficaram conhecidas as autoras portuguesas, participaram ativamente do movimento feminista em Portugal, e no mundo, através da sua arte. Maria Isabel Barreno (1939 – 2016) foi escritora, ensaísta, artista plástica e jornalista; escreveu obras como: *Crônica do Tempo* (1991), e *Os Sentos Incomuns* (1993). Maria Teresa Horta, nascida em 1937, é uma escritora, jornalista e poetisa; possui obras como: *A mãe na Literatura Portuguesa* (1999), *As Luzes de Leonor* (2012), *Meninas* (2014), dentre outros. Maria Velho da Costa, nascida em 1938, é escritora e publicou obras como: *O Mapa Cor de Rosa* (1984) e *Myra* (2008). As obras das três autoras costumam anunciar o inconformismo quanto à situação da mulher na literatura e na sociedade como um todo. Trazem reivindicações e buscam uma melhoria da imagem feminina.

A obra em questão possui uma escrita fragmentada e simbólica. Reúne cartas, ensaios, poemas e fragmentos variados, intercalando o uso das línguas portuguesa e francesa. As “Novas cartas” teve grande repercussão em Portugal e no exterior por trazer uma inovação na escrita e na temática. Utilizou-se de novos personagens e novas temáticas para modernizar a visão das mulheres daquela época. É marcada por discursos feministas nos quais as autoras usam uma linguagem forte para atingir uma dimensão política e desafiar o sistema social imposto aos papéis sociais da mulher e sua sexualidade, contrariando, assim, os ditames patriarcais (DUARTE 2015).

A obra teve uma recepção adversa quando foi lançada. De um lado, encontravam-se opiniões conexas, nas quais viam-se a positividade nesse novo modo de escrever sobre as mulheres. Por outro, as mentes tradicionais subjugarão o livro, acusando-o de fazer apologia à divulgação de palavras pervertidas nas quais afloravam a luxúria e despertava, nas moças de família, sentimentos inapropriados. Tornando-se, assim, um livro indecente e desrespeitoso. Isso deu origem a problemas judiciais para a circulação da obra.

Como se vê, a vida das mulheres está sob limitação e condicionamentos desde os tempos primórdios. Sua situação, comumente, era de submissão, não somente em relação aos homens com parentesco, mas também tinham dominação da sociedade que se ergue nos ditames do patriarcalismo. A imagem da mulher foi marcada por vigorosos discursos ideológicos e conservadores. Seu comportamento foi moldado pela sociedade, regulando seus pensamentos e papel social, acarretando na influência dos seus ideais e aspirações.

As mulheres eram vistas como seres inferiores, permeando uma imagem secundária diante da figura do homem. Contudo, no decorrer das diferentes épocas históricas, percebe-se a não uniformidade do papel da mulher dentro da sociedade. Elas ganharam, com o passar do tempo, através de várias lutas, evolução social, intelectual e moral. É notável a mudança de comportamento, tanto estética como ideologicamente, e isso afeta a sociedade como um todo. A figura feminina passa a ser vista não apenas restrita ao ambiente doméstico, mas sua participação fora de casa engrandece e se torna recorrente, gerando, assim, uma autonomia.

A transição da dependência para a emancipação da mulher diante do sistema social pode ser percebida na literatura que, conectada à história, mostra as diversas fases pelas quais este gênero passou até chegar às condições que se encontra atualmente. Nesse contexto de mudança, a autonomia feminina tornou-se destaque não apenas na sociedade, mas o ganho de protagonismo nas obras literárias é significativo. Ao analisar as personagens femininas na ficção, percebe-se que estas ganharam voz e destaque, deixaram de serem representadas apenas em segundo plano.

Diante disso, este trabalho busca analisar a obra *Novas Cartas Portuguesas* (2014) a fim de mostrar a influência da Literatura para as configurações da mulher como sujeito. Parte-se da hipótese de que as novas representações femininas se tornaram uma resistência à opressão. Essa vertente refere-se à percepção de que as transformações estruturalistas da literatura ocasionaram mudanças estéticas na representação das mulheres, bem como comportamentais e psicológicas. Os discursos presentes na obra revelam situações adversas em Portugal no período ditatorial Salazarista, especialmente no que diz respeito à mulher quanto ao poder patriarcal e à submissão social, funcionando como manifesto feminista político através da escrita poética.

### **Feminismo em Portugal, contextualização das *Novas Cartas Portuguesas***

Os anos que precederam a publicação de *Novas Cartas Portuguesas* foram permeados de opressão devido a ditadura Salazarista que se instalou no país. O livro eclodiu como grito de oposição ao sistema imposto e logo provocou consequências abusivas. Foi determinado a apreensão dos exemplares e realizado um processo judicial contra as autoras, pois considerou-se a obra horrenda, na qual praticaram desacato ao pudor.

No período entre 1926 e 1974, através de um golpe de Estado pelos militares, Portugal passou a ser governado por um regime político comandado inicialmente pelos os militares e por Antônio de Oliveira Salazar, este “Estado Novo” foi denominado de Salazarismo. A ideologia utilizada por esse governo fazia apologia ao fascismo, nacionalismo, tradicionalismo e autoritarismo. Consideravam-se antidemocrático, anticomunista, antiparlamentarista e mantinham-se ligados ao colonialismo. Salazar veiculava seus ideais em torno da sociedade e os faziam prevalecer, além disso, mantinha-se unido com a igreja católica. Manifestações sociais e políticas foram proibidas, havia censuras aos meios de comunicação (SANTOS, 1984).

Nesse meio, a formação ideológica e doutrinal feminina era conduzida por um domínio falocêntrico e sua educação era voltada aos afazeres do lar e à submissão aos homens – pais e, posteriormente, aos maridos, onde aprendiam a transmitir os valores tradicionais. Até mesmo os fatores biológicos condicionavam a mulher a esse destino. Apesar de ampliar o direito de voto às mulheres, o governo utilizava-se disso para reforçar esta ideologia e justificar o sistema legislativo e social. Contudo, esse regime passou por uma crise que ajudou a derrubá-lo. Segundo o pensamento de Boaventura Santos,

Muito provavelmente as causas da crise do regime estão no próprio regime, no bloqueio ideológico em que se foi enredando apesar do empirismo de que deu provas ao longo dos anos. O segredo da permanência do regime constituiu em adaptar-se às condições novas: a concentração do capital e o fim do colonialismo. Incapaz de se adaptar a elas, pretendeu que não eram inelutáveis. Ao fazê-lo, denunciou os limites do seu empirismo. O regime atingia o máximo de consciência possível. Para além dele estava o bloqueio ideológico em que se encontrava. (SANTOS, 1984, p. 13)

A incapacidade de acolher os interesses sociais emergentes fez com que a população não se adequasse às imposições do Estado. A ideologia imposta não condizia com a vontade de libertação do povo. No que consta à situação das mulheres, essa questão se agrava um pouco mais. A união com o catolicismo fazia prevalecer as dominações da igreja, nas quais a mulher é submetida às subordinações justificadas pelo cristianismo, mas que acaba por limitá-las das suas vontades e direitos sociais, como pode-se constatar no dizer de Clêuma Magalhães,

Com o fim da Ditadura em Portugal, dá-se a instauração da democracia no país, o que permitiu que muitos escritores começassem a recuperar a voz contida. O silêncio imposto às escritoras, na verdade anterior à Ditadura, mas de caráter ainda mais opressor nos anos de repressão que se estenderam até a Revolução dos Cravos, cede espaço a uma diversidade de vozes que expressam de forma clara e consciente a defesa dos direitos das mulheres. (MAGALHÃES, 2018, p. 149)

Seguindo essa linha, apesar de aparentar apenas uma escrita literária-poética, *Novas Cartas Portuguesas* se compromete na busca de denúncia ao sistema de submissão da mulher na sociedade portuguesa e na esterilização do poder totalitário opressivo. A sua linguagem reverencia a liberdade da mulher em espírito, físico e mentalmente, procura refletir sobre a necessidade da ação da mulher para a sua emancipação e a visão da sociedade sobre os problemas acarretados durante todos os séculos contra a mulher. Embora isso não apareça explicitamente, se revela e é compreendido nas entrelinhas através da ambiguidade do texto.

As primeiras manifestações do feminismo em Portugal tiveram início de forma cautelosa, quase que silenciosa, por meio de grupos de debate, conselhos e congressos. Porém, muito demorou para que esse movimento ganhasse visão social e voz ativa. Apesar dos direitos conquistados pela mulher, como o trabalho fora de casa, em muitas profissões havia intervenções, limitações e, até mesmo, impedimento de acesso para as mulheres. Isso contribuiu para a mobilização de muitas contra o Estado. Todavia, o poder feminino era muito baixo para conseguir derrubar tais imposições. Mesmo assim, o feminismo começou a ganhar força.

Para conseguir destaque e abrangência, o feminismo precisou de vários meios de divulgação. Um instrumento que se fez importante nessa luta foi a Literatura. O texto literário tem sido um meio crítico e reflexivo para a sociedade. Através dele podemos discutir diversas problematizações e trazer para as pessoas uma nova forma de ver o mundo ao seu redor e questioná-lo. De acordo com esse pensamento, vemos que o livro escrito pelas “três Marias” se

utilizou desse artifício para debater a situação da mulher na sociedade portuguesa, bem como a das mulheres como um todo.

O livro retrata mulheres de pensamentos livres, com novas ideologias sociais, religiosas e morais que, por meio disso, questionam sua identidade. Considerando a relação entre homem e mulher, a obra revoluciona a representação feminina, mostrando uma evolução do pensamento feminista dentro da literatura portuguesa. A sociedade chocou-se com os relatos, pois não era comum ver mulheres falando abertamente sobre os prazeres carnavais, desejos sexuais e o sofrimento em algumas relações com homens.

A expressão da concepção de consciência da mulher faz eclodir um choque direto com a visão masculina de dominação. Confrontando-os de forma que se note a nova disposição de mudança, as “três Marias” escrevem para as mulheres, para que estas percebam que “[...] mais do que para o outro, escrevemos para nosso próprio alimento” (BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p. 4). É preciso alimentar a consciência das mulheres que ainda não se dispõem a sair do sistema, como também dar força àquelas que já estão dispostas a lutar.

Conscientes da construção social em que estavam presentes, as autoras já esperavam uma recepção polêmica. Mas utilizam-se disso para mostrar que “jamais... mulher, se entregará sem dano de si própria e de outrem.” (BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p.5). É necessário afrontar o sistema patriarcal, buscar seus direitos, e, sobretudo, ser posse apenas de si mesma. Ser dona das suas vontades e pensamentos e, principalmente, ter liberdade para expô-los como quiserem. De diferentes formas, as Marias desfrutam das palavras para mostrarem que tinham consciência do repúdio que as esperavam. Como no trecho “De ingratas seremos acusadas, estranhas parecendo, logo desencadeando bravas guerras por literárias tidas, porem de raiz mais funda, tecidas, crescidas e aguerridas e parcas vinhas. Mitos desfloramos e desfloradas fomos de consentido” (BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p. 91).

Houve outras tentativas de representar a mulher como uma nova visão, mas a visibilidade não conseguia se tornar ampla. Contudo, percebe-se que a tomada de consciência da mulher se faz com união e é o que podemos ver em *Novas Cartas Portuguesas*. A todo tempo fazem alusão à necessidade de estarmos juntas nessa batalha, na busca de igualdade social, não apenas nos direitos democráticos. No trecho “E de novo nos encontramos juntas as três igualmente aqui, como em muitos outros tempos e decisões: recusando sermos sombra, sedativo, repouso de guerreiro. Guerreiros, nós, mulheres de corpo inteiro e segura mão.” (BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p. 32) é evidente que as mulheres não estão satisfeitas em estarem em plano secundário ao homem e estão prontas para saírem desse espaço limitado, recusando-se a se manterem, como muitas vêm sendo mantidas, há gerações.

Esse livro foi um importante marco para a emancipação da mulher na sociedade portuguesa, assim como na literatura. É perceptível que ele já é fruto desse fenômeno vivido no século XX e revela-se como instrumento discursivo para a transformação da mulher na pós-modernidade. Mostra, todavia, que muitas mulheres estão materializando o domínio intelectual e procuram, com isso, conscientizar outras para que se reconheçam como dirigentes de suas próprias ações.

## Mulheres como sujeito: representação literária

Desde o princípio das sociedades, foram formando representações estereotipadas do feminino e do masculino. Dessa forma, “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído.” (BUTLER, 2003, p.24). As diferenças de gêneros são construções ideológicas construídas por uma sociedade de dominância falocêntrica, na qual favoreceu-se a condição do homem desfavorecendo a da mulher. A posição de ambos não está disposta paralelamente, percebe-se isso em questões relacionadas à sexualidade, prazeres carnis, liberdade social, tarefas domésticas – entre outras infinitudes de coisas.

Além de terem construído e continuarem a construir ideologias que inferiorizam a mulher, persistem em criarem barreiras que impedem a ascensão do poder feminino em busca de igualdade. Muitas dessas barreiras são criadas dentro do próprio lar. A tradição patriarcal, passada de geração a geração, tornou-se muito sólida, e a dificuldade de permeá-la é enorme. Todos esses conceitos acabam adentrando no processo de vida das mulheres e elas próprias se retêm através da criação dos filhos, como discute Simone Beauvoir,

Uma das maldições que pesam sobre a mulher esta em que, em sua infância, ela é abandonada às mãos das mulheres. O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita a virilidade dele e ele lhe escapa desde logo; ao passo que ela almeja integrar a filha no mundo feminino... Do mesmo modo, as mulheres, quando se lhes confia uma menina, buscam, com um zelo em que a arrogância se mistura ao rancor, transformá-la em uma mulher semelhante a si... Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-las a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; torna-se mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade. (BEAUVOIR, 1980, p. 23)

De fato, a resistência ao poder patriarcal é difícil. Contudo, a dificuldade aumenta pela consciência dominada da mulher. Quando essas mesmas se impõem limites, a possibilidade de extinguirem o sistema imposto diminui. Escapar do seu “destino” se torna algo inalcançável e, pior ainda, é ver o contentamento sem contestação. A aniquilação do desenvolvimento da mulher nessa condição vai sendo praticada diariamente por relacionamentos íntimos e, até mesmo, por situações rotineiras fora de casa que, às vezes, é imperceptível e outras não se consegue defender.

Com o passar do tempo, as mulheres intensificaram suas lutas, o feminismo foi sendo difundido e, conseqüentemente, houve uma mudança na sociedade, e a figura feminina ganhou mais espaço. Porém, mesmo que estejamos no século XXI, a mulher ainda é vista, em muitos casos, como um ser inferior, um segundo sexo. Por mais que alguns estudos ignorem, é mister dizer que um sujeito se constrói dentro da sociedade pelas relações sociais. E são essas relações que vão formar a identidade (as identidades) do ser. Dessa forma, a identidade da mulher é construída pelo modo como esta lida com as opressões sociais. É pertinente supor, assim, que

A ideologia desempenha papel fundamental no permanente processo de constituição do sujeito-objeto. Não se pode esquecer que esta realidade é móvel, pois a alienação presume a desalienação; a coisificação supõe a humanização. Graças à natureza porosa da ideologia e à emergência e ao desenvolvimento de contraideologias, as possibilidades de desalienação-humanização estão sempre presentes. (SAFFIOTI, 1997, p.61)

A esse respeito, observa-se que a sociedade pode moldar uma pessoa. Se é possível a mulher ser constituída de ideologias que não a representam de verdade, é por conta de uma visão cultural que se instalou. Todavia, a cultura pode ser ressignificada. Portanto, à medida que as mulheres mudam, fazem a sociedade mudar sobre elas. Esse é um processo gradual, lento, porém não impossível. É tão possível que já podemos ver consequências de procedimentos anteriores. Um exemplo são as representações literárias da imagem da mulher dentro da literatura.

A Literatura tem sido um espelho ficcional que reflete a sociedade, agregando aspectos históricos e características espaciais vivenciados pelo homem. Considerando os aspectos externos e internos de uma obra, podemos perceber esta interação através das personagens. Estas, por sua vez, evoluem comumente, acompanhando o desenvolvimento social que ganha representatividade dentro das obras. Percebe-se que, no mundo real, as situações ganham veracidade pelo envolvimento dos indivíduos em determinadas situações, o mesmo acontece dentro da literatura ficcional. As manifestações de representações destes acabam por esmiuçar os contextos relacionados entre ficção e realidade.

Levando em consideração que as personagens podem dar vida e sentido à obra, elas também dão ao leitor a possibilidade de vivenciar o que está sendo lido – mesmo que em um mundo imaginário – podendo, assim, proporcionar uma melhor cognoscibilidade diante das situações da realidade. O valor cognitivo da arte é constituído pela relevância de interpretações, tanto da vida humana como dos elementos internos da obra. Deste modo, a ficção é um meio no qual o homem pode refletir a condição da realidade e de si próprio. Assim, o papel das personagens está diretamente ligado à virada estética que ocorrera na figura feminina nas narrativas. Espelhadas, sobretudo, na autonomia ganhada pela mulher na sociedade nos últimos anos, os autores mudaram o modo de representá-las, bem como os leitores tiveram acesso aos novos conceitos. Apesar disso,

Cumpre-nos destacar que, embora tenham sido numerosas as alterações a nível jurídico e institucional com relação aos direitos das mulheres, a aplicabilidade das leis nem sempre é garantida e as mudanças sociais ainda ocorrem de forma lenta. O contexto que abarca as últimas décadas do século XX e alcança os dias atuais continua marcado pela luta em defesa dos direitos das mulheres. No campo literário, a voz feminina prossegue na busca por se fazer ouvir e ser reconhecida. As barreiras impostas ao sujeito feminino permanecem, embora em menor medida, dificultando o acesso a certas estruturas de poder e ao cânone. (MAGALHÃES, 2018, p. 150)

Refletindo sobre essas observações, vemos que os movimentos de libertação da mulher encorajaram-nas a tomar posse de seus pensamentos, sexualidade e ações. Consequentemente, o posicionamento da mulher na narrativa ganhou voz ativa. Assim, com o passar do tempo, as personagens que iam sendo criadas resistiram à condição de submissão. Se antes tínhamos uma sociedade patriarcal e machista, atualmente encontramos uma mudança significativa nos paradigmas sociais em relação ao papel da mulher, onde cada personagem traz características próprias e singulares. Representando-as, também, como agentes de transformações socioculturais, provavelmente em consequência das conquistas obtidas por elas. É um trabalho que acontece de forma lenta. Mesmo assim, é importante dar continuidade ao que já vem sendo feito.

### **Discursos feministas presentes em *Novas Cartas Portuguesas***

*Novas Cartas Portuguesas* é um livro permeado de discursos feministas e, claramente, é usado como instrumento de reflexão para a luta da emancipação da mulher nas sociedades opressoras. Como todo e qualquer texto literário, não se têm limitação de público. Contudo, ao analisarmos seus discursos, vemos um direcionamento à consciência da mulher. Pois, ao buscar a liberdade delas, primeiramente, é necessário a conscientização das mesmas para que estas possam dar vazão aos seus sentimentos em relação ao sistema social empregado a elas. Sobretudo, que elas questionem o mundo à sua volta, problematizem as situações rotineiras e mostrem uma nova visão da realidade.

Através da figura de Mariana Alcoforado e das mulheres que tinham algum grau de relação com ela, a imagem feminina é vista de forma muito diferente do convencional na obra. A sua leitura desencadeia várias interrogações existenciais para a mulher, mesmo hoje no mundo contemporâneo. Como diz o seguinte fragmento,

Frágil e fraco é o sexo do homem se divide sua mãe de si mesma. Amai-nos umas às outras como nós nos amamos órfãs do mesmo bem – quem nos consinta a paz e a aventura, a água lisa e o amor industrioso, pão e laranja limpos e a feijoca de fráguas, porque <<na terra que Deus criou, nós somos todas iguais, e isto nos dá a coragem de fazer assim uma aventura.  
(BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p.41-42)

Está evidente que a base ideológica construída sobre a relação homem/mulher é questionável, não é sólida. Esse pensamento, que vai de encontro com o julgamento consagrado pela civilização cristã e patriarcal, evidencia que todos somos iguais perante a sociedade e, independente do sexo, temos os mesmos direitos. Esses direitos devem ser aplicados de forma concisa, não “maquiadamente” ou limitados. De qualquer forma, é hora de encorajar-se para esse enfrentamento.

É evidente, nas cartas, os relatos de submissão das mulheres perante seus pais, maridos e o sistema social. No entanto, as “três Marias” utilizam-se dessas narrações para entendermos



como a mulher transformou-se em um “sub-ser” submetida aos arquétipos impostos. As condições em que viveu (e vive) a mulher até a atualidade é árdua. É preciso que haja um bloqueio de muitas ideias feitas por um pré-conceito. Pois,

[...] somente o gênero feminino é marcado, que a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero, definindo com isso, as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecendo os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo... as mulheres representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguísticas. (BUTLER, 2003, p.28)

O mundo feminino sempre foi abandonado em termos de se pensar a seu favor. Até mesmo em crimes contra elas, cabe à vítima defender-se, eminentemente, pois há uma possibilidade maior desta ter provocado a situação, pois afrontar as “regras” justifica as delinquências, segundo o pensamento das tradicionais mentes formadas totalitariamente pelo patriarcalismo. Isso, porque “geralmente a mulher que dê provas, o homem que as receba. Para isso, entre tantas outras coisas, se nasceu macho e fêmea.” (BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p.69), e, assim, mais uma vez, como é discutido na obra, o gênero é categórico diante à cultura.

O sofrimento da mulher perante a tais submissões é inquestionável. *Novas Cartas Portuguesas* trazem, pois, uma espécie de testemunho representativo da história vivida por uma grande quantidade de mulheres no mundo todo. Apesar de complexas, singulares e diferentes circunstâncias, a vida política-econômica-social (e até mesmo a amorosa) da maioria das mulheres é embasada pelas mesmas ideologias. Entretanto, a permanência nessa sujeição é escolha de cada uma. Analisemos uma poesia retirada da obra:

*Senhora*

– Senhora, o que te faz tão franzida  
Tão refeita  
Tão suspeita?  
Quem escolhe a mansa vida  
Verá bem o que rejeita.

– Vai e traz-me um cabelo  
Dum dragão enamorado  
Pois se me falas de amor  
Quero vê-lo feito e provado.  
À volta dar-te-ei guarida  
Sentar-te-ei a meu lado.

– Senhora, o que te traz tão sujeita  
Tão faltosa  
Suspirosa?  
Quem fia, borda e ajeita  
Murcha cedo como a rosa

Não tem ciência nem prosa  
Não se sabe o nome que aceita.

– Vai roubar o setestrela  
A um deus mau e zangado  
Pois se me dizes saber  
Quero prová-lo, e habitado.  
À volta dar-te-ei suspeita  
De que não estás do meu lado.

– Senhora, o que te jaz tão famosa  
Tão ausente  
Tão pungente?

– Quem escolhe, parte e rejeita.  
Quem parte, vai e não colhe.  
Quem vai, faz e não ama.  
Quem faz, fala e não sente.  
São teus olhos os sujeitos  
São de granito os meus peitos.  
Quem fia, borda e ajeita,  
Quem espera, fica e não escolhe,  
Quem cala, quieta na cama,  
Sou eu, deitada a sentir  
Toda roda de fugir  
Tua cabeça em meu ventre.

(BARRETO, COSTA, HORTA, 2014, p. 18-19)

Levando em consideração o sistema instituído e o contentamento por muitos anos compartilhado pelas moças recatadas da sociedade tradicional e dos bons costumes, a obra traz, de forma poética, um grito feminista de libertação, confronta “o arquétipo da alienação e da clausura feminina no seio da sociedade patriarcal” (BESSE, 2006, p. 16), afrontando a recusa da emancipação da mulher. Em trechos como “Quem fia, borda e ajeita Murcha cedo como a rosa” mostra que quem se contenta com o estereótipo direcionado à mulher vive condicionada à limitação. A ascensão só é possível quando se torna dona de si, como induz o fragmento “São teus olhos os sujeitos”.

Os discursos feministas presentes na obra a todo tempo manifestam a necessidade de reflexão para a situação da mulher. Essa discussão, basicamente, gira em torno de três vertentes, são elas: o empoderamento feminino; a conscientização dos homens e da sociedade como um todo; e a união para um pensamento lógico e a propagação dessas ideias. Podemos evidenciar isso pelos seguintes fragmentos retirados entre os textos que compõe o livro:

Digo:  
Chega.  
É tempo de gritar: chega. E formarmos um bloco com os nossos corpos (2014, p. 250)

É preciso curar o homem: dizer-lhe que nem o seu corpo é estéril, e nem só de falo é o criador; dizer-lhe que nem sempre é preciso erigir para criar, e que criar primeiro para erigir depois pode deixar de ser um privilégio feminino. Muitas coisas, mas não se sabe ainda como dizê-las. (2014, p.286)

o que nos resta depois disto? Mas o que nos restava antes disto? – Penso que bastante menos: muito menos, mesmo... E de boa vontade vos digo: que continuamos sós mas menos desamparadas. (2014, p.304)

Refletindo sobre essas observações, vemos que as autoras se empenharam em fazer eclodir, através de expressões poéticas e artísticas, nas mulheres e, conseqüentemente, na sociedade, uma verdadeira afirmação da mulher como sujeito. Fazem isso pela conscientização, pois “a mente não só subjuga o corpo, mas nutre ocasionalmente a fantasia de fugir completamente à corporificação.” (BUTLER, 2003, p.32). Desse modo, é essencial a tomada de consciência para conseguir resultados positivos na transformação da mulher como um ser social de verdade.

Compreender o movimento feminista é essencial para toda a sociedade. Ter ideias revolucionárias é importante, mas “a maior de todas as liberações, é a liberdade de pensar nas coisas em si” (WOOLF, 1985, p. 52). Os caminhos em busca de liberdade são árduos, porém, é essencial atravessá-los. Muitas foram silenciadas nessa trajetória, mas só a voz pode levar ao êxito da emancipação, seja ela demonstrada oralmente ou através de outros meios expressivos. Nesse processo de mudança, não se pode deixar de conhecer-se a si mesma para extinguir as limitações que impediram esse conhecimento antes.

## Considerações finais

A sujeição patriarcal, sexista e machista, em que a mulher passou de geração para geração, conduziu-as à um regime de submissões durante anos. O movimento feminista muito contribuiu para revirada dessa situação. Contudo, pelo fato de já ser uma tradição enraizada, a dificuldade de mudança é gigantesca. Porém, a ressignificação feminina dentro das narrativas literárias evidencia que já há uma conquista positiva nesse propósito.

Nessa perspectiva, *Novas Cartas Portuguesas*, escrito por mulheres e para mulheres, garantiu que a luta destas ganhassem outra voz, com força e intelectualidade, mostrando solidez e consciência na busca da libertação feminina. Com a utilização de discursos feministas para o rompimento das tradições patriarcais, concede a percepção da mulher como sujeito social.

Através das reflexões apresentadas neste artigo, evidenciou-se o caráter discursivo e crítico da Literatura para as relações sociais. A Literatura colaborou não somente na ascensão da

mulher portuguesa como denúncia diante da opressão ditatorial. Com isso, também serviu para estender esse propósito para as mulheres das gerações futuras.

*Novas Cartas Portuguesas* é um instrumento de conscientização, não apenas para as mulheres, mas deveria ser lido por homens e repassada para a sociedade em geral. Fruto do contexto social, mostra uma nova visão da subalternidade que as mulheres enfrentam. Trouxe para a Literatura mais um engajamento feminista, reconstruindo a representação feminina dentro das narrativas ficcionais, reafirmando a essência do poder da mulher e a necessidade de se discutir sobre isso.

## REFERÊNCIAS

BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da; HORTA, Maria Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. Lisboa: Estúdios Cor, 2014.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BESSE, Maria Graciete. As “Novas Cartas Portuguesas” e a contestação do poder patriarcal. *Latitudes*, nº 26, abril 2006, p. 16 – 20.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUARTE, Constância, Lima. Prefácio. Maria Teresa Horta: uma poética da liberdade. In: FLORES, Conceição (Org.). *Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta 1: o sentido primeiro das coisas*. Natal: Jovens Escribas, 2015.

FLORES, Conceição. *O sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*. Natal: Jovens Escribas, 2015

MAGALHÃES, Clêuma. *Diálogos com a obra de Florbela Espanca: a recepção produtiva*. Tese (Doutorado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2018, p. 145-154.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*, nº 2, PUC: São Paulo, 1997, p. 59-79.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1984). A Crise e a Reconstituição do Estado em Portugal (1974 - 1984). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 14, 1984, p. 7-29.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 35-75.